

## **Sumário**

<i>Introdução</i> . . . . .	13
-----------------------------	----

### I

#### **OS CAMINHOS DA ESCRITA**

Hora de acabar com o pesadelo . . . . .	27
Desfeito o küiproquó . . . . .	29
Onde mora a criatividade . . . . .	30
A motivação de aprender . . . . .	33
O gosto pelas palavras . . . . .	36
O hábito da pesquisa ajuda. E muito . . . . .	38
A leitura – absolutamente essencial . . . . .	44
As janelas da percepção . . . . .	49
O caminho da inspiração . . . . .	56
O pulo do gato . . . . .	58

II  
**ETAPAS DA ESCRITA**

Workshop Escrita Criativa . . . . .	63
A autodisciplina . . . . .	64
Conhecer-se para estabelecer um método . . . . .	66
A divisão e a complementaridade cerebral . . . . .	72
Uma hora para cada coisa . . . . .	76
Primeira etapa da escrita: criação . . . . .	79
Segunda etapa da escrita: edição . . . . .	81
Na ficção e na poesia . . . . .	88
Correio eletrônico . . . . .	89
O diálogo do e-mail . . . . .	96
Ética e etiqueta caminham juntas . . . . .	98
Valores da comunicação . . . . .	100
Reflexão . . . . .	102

III  
**TÉCNICAS DE CRIATIVIDADE**

Foi dada a largada... . . . .	109
<b>EXERCÍCIO 1</b> Buscando palavras para nossas histórias . . . . .	113
<b>EXERCÍCIO 2</b> De uma palavra nasce uma história . . . . .	113
<b>EXERCÍCIO 3</b> Mapa mental . . . . .	113

<b>EXERCÍCIO 4</b>	Seqüência de exercícios para sensibilizar os sentidos . . . . .	115
<b>EXERCÍCIO 5</b>	Contando uma história com base em objetos . . . . .	116
<b>EXERCÍCIO 6</b>	Quarto de infância . . . . .	116
<b>EXERCÍCIO 7</b>	Porão . . . . .	116
<b>EXERCÍCIO 8</b>	A primeira vez . . . . .	117
<b>EXERCÍCIO 9</b>	Diante de uma imagem, uma história . . . . .	117
<b>EXERCÍCIO 10</b>	História sonorizada . . . . .	118
<b>EXERCÍCIO 11</b>	As palavras adocicadas . . . . .	118
<b>EXERCÍCIO 12</b>	O binômio fantástico . . . . .	118
<b>EXERCÍCIO 13</b>	Transformando objetos . . . . .	119
<b>EXERCÍCIO 14</b>	A junção de dois animais . . . . .	120
<b>EXERCÍCIO 15</b>	As hipóteses fantásticas . . . . .	120
<b>EXERCÍCIO 16</b>	Objetos perdidos da infância . . . . .	121
<b>EXERCÍCIO 17</b>	A lógica fantástica . . . . .	121
<b>EXERCÍCIO 18</b>	A vida dos provérbios . . . . .	122
<b>EXERCÍCIO 19</b>	Técnica da imaginação ativa: jardim da criatividade . . . . .	122
<b>EXERCÍCIO 20</b>	Explorando o erro criativo . . . . .	123
<b>EXERCÍCIO 21</b>	Explorando o prefixo arbitrário . . . . .	124
<b>EXERCÍCIO 22</b>	Explorando a sintaxe . . . . .	124

**EXERCÍCIO 23** Minhas memórias . . . . . 124

**EXERCÍCIO 24** O diálogo com o crítico interno . . . 125

*Referências bibliográficas* . . . . . 127

## Introdução

**N**A VIRADA DO SÉCULO XX, a velha máquina de escrever e as cartas manuscritas já haviam caducado. Nossos hábitos foram lenta e firmemente transformados pelo ritmo das invenções tecnológicas.

Graças aos avanços da internet, somos obrigados a admitir a relação cada vez mais estreita entre as novas tecnologias e a escrita. Quem tinha em mente que “gramática nunca mais” é forçado a encarar, cedo ou tarde, o pavor gramatical – que tantos arrepios provoca.

Gramática não é nenhum bicho-papão, como demonstra sem pompa nem rococós o professor Pasquale Cipro Neto. No entanto, na prática, apenas decorar as regras gramaticais não é garantia de escrever melhor. Tanto é verdade que, mesmo tendo aulas de português durante os doze anos da educação básica, a maioria das pessoas tem dificuldades para escrever corretamente, e muitas cometem erros elementares.

O quesito “redação” nos vestibulares continua assombrando. Boa parte dos jovens padece na hora

de colocar as idéias no papel, resultado de um ensino nem sempre eficiente e de uma cultura que não privilegia a leitura. Frequentemente, são incapazes de elaborar um texto com um mínimo de coerência, que tenha começo, meio e fim.

Os e-mails corporativos causam espanto: erros básicos, idéias truncadas, falta de adequação, de clareza e originalidade. As empresas tentam suprir tais deficiências com doses cavalares de seminários que prometem objetividade, precisão e concisão. Mas parte considerável das pessoas permanece sem se relacionar com a escrita...

O mais honesto é reconhecer que nenhuma receita produz efeitos instantâneos. Articular idéias com clareza e simplicidade requer prática e aperfeiçoamento contínuos. Pressupõe acumular referências de mundo, resultado de intensa observação e curiosidade permanente; acordar para o domínio da linguagem; levar a sério o hábito de ler e escrever, se possível por prazer; complementar a formação cartesiana com altas doses de imaginação; e, acima de tudo, fortalecer o binômio lógica e criatividade.

## **A criatividade em evidência**

EM 1981, O RENOMADO NEUROLOGISTA Roger W. Sperry ganhou um Prêmio Nobel por suas pesquisas sobre a

separação e a identificação das funções dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro. Tais pesquisas constataram que ambos os hemisférios participam de funções cognitivas superiores, mas cada um adota uma forma particular de processamento de informação.

A teoria acabou repercutindo em várias áreas do conhecimento. O esporte moderno, por exemplo, beneficia-se dessas descobertas. Popularizou-se a dobradinha corpo-mente, sendo reconhecido o admirável talento do cérebro para moldar a realidade. Muito além das operações lógicas e racionais, buscou-se estimular o lado intuitivo e criativo, induzindo o cérebro a perceber a ação desejável.

O treinador Nuno Cobra explica como os atletas conseguiam melhorar ou modificar seu desempenho procedendo às induções mentais:

*Para quebrar o elo dessa cadeia de pensamentos negativos que funcionam como armadilha para a auto-estima, temos que nos valer de uma programação mental bem positiva e estarmos sempre atentos às vacilações emocionais e à intromissão de pensamentos negativos, mentalizando a capacidade de realização do que se deseja alcançar... (Cobra, 2000, p. 40)*

Ou seja: utilizando as habilidades do hemisfério direito – não-racional. O treino de Ayrton Senna, por exemplo, consistia em imaginar com

precisão sua melhor atuação, bem como a superação do próprio recorde.

Em experimentos médicos não convencionais no Canadá, nos Estados Unidos e, inclusive, no Brasil, foram comprovadas melhoras significativas no paciente quando se recorria às habilidades do lado direito do cérebro. Um bom exemplo é narrado, a seguir, pela equipe do Hospital Araújo Jorge:

*Uma paciente, com câncer de rinofaringe, apresentou um quadro fóbico ao utilizar a máscara (recurso utilizado pela equipe médica de radioterapia para imobilizar o paciente e demarcar a área a ser trabalhada). Com esta paciente foi, primeiro, trabalhada a imagem do medo, com auxílio dos exercícios de relaxamento e visualização e, posteriormente, foi feito um trabalho de aproximação sucessiva do objeto desencadeador da fobia — a máscara. Neste caso, em poucas sessões, conseguimos conter o quadro fóbico e possibilitamos à paciente submeter-se ao tratamento com menos dor e sofrimento. (Apud Carvalho, 1998, p. 113)*

As pesquisas do dr. Roger W. Sperry também encontraram eco na educação. Nos anos 1980, a dra. Betty Edwards revolucionou a sala de aula ao desmistificar o misterioso talento para o desenho. Segundo ela, o método “Desenhando com o lado direito do cérebro” permite que todas as pessoas, e não apenas algumas, aprendam a desenhar, de for-



ma rápida e eficaz. Seu doutorado alia o fundamento científico ao conhecimento intuitivo. “A premissa [da pesquisa] diz que o desenvolvimento de uma nova maneira de ver que utilize as funções especiais do hemisfério direito pode ajudar uma pessoa a aprender a desenhar...” (Edwards, 1984, p. 10).

Ao mesmo tempo, o movimento cultural de criatividade aflorava no Japão, em diversos países europeus e nos Estados Unidos. Uma das correntes norte-americanas, o *brainstorming* (praticado empiricamente desde 1938), ganhou projeção mundial. Utilizado para a produção rápida e quantitativa de idéias, deixa um breve espaço temporário para a “piração”. Já a escola inglesa inovou com o método do pensamento lateral de Edward de Bono – técnica mais metódica e organizada que emprega processos conscientes. Esta última, porém, é uma forma de pensamento não linear e não racional.

A escola japonesa, baseada no Kaizen – progresso contínuo –, implantou o conceito da inovação participativa e a coleta de sugestões para a melhoria dos processos. A escola russa, responsável pelo método Triz, contribuiu com técnicas analógicas que demonstraram sua eficácia para todos os problemas tecnológicos. O método consiste, primeiro, em transformar cada problema específico em um problema geral e detectar sua contradição; depois, em

pesquisar os princípios de invenção já existentes que podem ser utilizados com base em uma mesma matriz inventiva.

Na França, desde maio de 1968, movimentos de vanguarda preconizam a imaginação, enfatizando — em alto e bom tom — que todo mundo é criativo! Esse era o lema da Synapse, escola fundada por Christian Aznar, Pierre Bessis e Guy Aznar.

Segundo o sociólogo e escritor francês Guy Aznar (2005), ao desmistificar a imagem do criador solitário, que recorre à própria intuição, o que lhes interessava era pesquisar a criatividade em grupo. Para tanto, faziam uso de diversas correntes e práticas criativas: técnicas de expressão corporal, técnicas oníricas e projetivas, desenho, expressão gráfica, entre outras.

Precursos da primeira associação francesa para o desenvolvimento da criatividade (Crea – France), também foram pioneiros na intervenção organizacional e na criação de programas de formação continuada (considerados cursos de extensão universitária desde 2007–2008). Para Guy Aznar, há cerca de meio século a criatividade tornou-se profissão e, inclusive, tema de estudos graças à vontade.

*Não mais deixar a criação de idéias à própria sorte, não contar somente com certos indivíduos excepcionais ou marginais. Em suma, o importante foi estabelecer uma prática*

*metódica, organizada, aberta democraticamente a todos, possibilitando o nascimento da criatividade das idéias. (Aznar, 2005, p. 11)*

As técnicas de pesquisa de idéias e as práticas pedagógicas se disseminaram em escolas, universidades, empresas e treinamentos abertos. Assim, na década de 1980, oficinas de expressão e criatividade, em especial de escrita criativa, proliferaram nos Estados Unidos e no continente europeu.

Um belo expoente francês, o Oulipo (Ouvroir de Littérature Potentielle), fundado pelo poeta e matemático Raymond Queneau, até hoje revoluciona a abordagem tradicional do ensino de redação. Os membros dessa oficina (Italo Calvino, Georges Perec, Marcel Duchamp, entre outros) inspiraram-se em modelos antigos (trovadores e retóricos) ou recentes (Raymond Roussel) com o objetivo de possibilitar novas formas de escrita. Para eles, o desafio era mergulhar em um labirinto de palavras, sons, frases, prosa e poesia e, sempre diante de novos desafios, sair do emaranhado criando literatura.

Em 1982, tive o prazer de participar da oficina de criatividade e expressão no Instituto de Ciências da Educação (ICE) da Universidade Central de Barcelona. O objetivo era criar novas metodologias para facilitar a aprendizagem de uma língua estrangeira, o francês. A premissa, por sua vez, era desbloquear a

linguagem (escrita e oral), estimulando as habilidades do lado direito do cérebro.

Os avanços da escola de psicologia genética de Genebra, em especial devido a Piaget, também nos influenciaram – sobretudo as observações, ao mesmo tempo sutis e sólidas, sobre o papel do jogo no desenvolvimento da inteligência. Tornava-se necessário favorecer o imaginário na sala de aula para, assim, ganhar em fluência verbal.

Naquele momento, eu integrava o curso de Artes Cênicas da Escola Superior de Teatro. Um prato cheio: elaborar jogos cênicos, de criatividade, de palavras e com palavras, entender e fazer aflorar a função lúdica da linguagem. Além de decodificar a experiência ou a informação, a linguagem permite expressar, agir com o outro, entreter a comunicação... Mas nossa tarefa mais ousada foi pesquisar a função do prazer da linguagem.

Os resultados mostraram-se encorajadores. As pessoas, imersas nos jogos, liberavam a expressão; escrever se transformava em uma atividade lúdica e dinâmica; o clima de descontração facilitava a fluência da escrita e da fala. Nessa época, apaixonei-me pelas palavras e, principalmente, pela possibilidade de me expressar.

Confesso que sempre odiei as aulas de inglês e de português. Detestava quando era preciso recitar poesias de Olavo Bilac. Lembro-me do suor nas

mãos e da sensação de que minha cara se agigantava – tamanho o pânico de me expor. Já no primário, as redações eram um parto. Recebíamos quatro temas – e minha santa mãe redigia os textos, que eu aprendia de cor. No dia da prova, ela sempre tirava boa nota. Eu, cada vez mais arredia, passava horas intermináveis aprendendo as listas de pretéritos e impretéritos. Sofria de urticária só de pensar em escrever. Por essa razão, o início das oficinas de criatividade em Barcelona representou um grande desafio: eu me defrontava com meu próprio pavor de escrever.

*Lembro-me das oficinas de criatividade, de uma experiência no ateliê de expressão, em particular. O objetivo era juntar palavras aleatoriamente, construindo frases. Criei de imediato um poema, mas a coordenadora achou que o poema havia sido copiado de um texto já existente. Levei um grande sermão, injusto. Ainda me lembro da vergonha exposta e do meu recolhimento súbito ante o desrespeito ao meu primeiro poema público. Talvez por isso inspire até hoje indivíduos desejosos de, por meio da escrita, confiar na sua aptidão criativa. (Di Nizo, 2007, p. 13)*

Quando o propósito é liberar a escrita – a criatividade –, é fundamental suspender a intervenção limitadora do crítico interno. A grande aprendizagem, em termos didáticos, como veremos mais adiante, é

respeitar o melhor desempenho de cada hemisfério cerebral: uma hora para cada coisa.

Assim, o efeito das oficinas foi arrebatador, irreversível e curador. Fiz as pazes com as palavras e descobri que eu mesma era capaz de escrever. Quinze anos se passaram. Quando voltei ao Brasil, com meu trabalho já amadurecido, elaborei os fundamentos de minha empresa – a Casa da Comunicação.

Foram meses de muita inspiração e transpiração, enquanto desenhava cada módulo. Uma rápida pesquisa no mercado apontou que, entre as minhas propostas, os workshops de Escrita Criativa e Fala Criativa, bem como o de Foco e Criatividade, não encontravam eco no mundo organizacional. Lembro-me de quando decidi, então, que os dedicaria a mim mesma, como as meninas dos meus olhos.

Na mesma ocasião, uma amiga me convidou a participar da oficina de escrita com Edvaldo Pereira Lima, doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Recém-chegado dos Estados Unidos e influenciado pelo *boom* das oficinas de “escritura criativa” (*creative writing*), ele elaborou o método Escrita Total, que, por meio de estímulos ao lado direito do cérebro, permite a todos escrever.

Falando honestamente, fiz o curso em estado de graça. Os exercícios que eu mesma utilizava, inspirados na oficina de criatividade de Barcelona, eram muito similares àqueles. Fiquei encantada diante da

contribuição tão original do talento de Edvaldo. Também identifiquei o quanto a criatividade estava entrelaçada em meu DNA. Percebia os frutos da experiência na Europa em minha visão de mundo, em meu trabalho. Naquele momento, eu processava a síntese entre informação e conhecimento que resultou na Casa da Comunicação.

A grande contribuição de Edvaldo foi a insistência no exercício diário: um texto por dia. Fui uma aluna exemplar. Reuni as técnicas de Escrita Total e de criatividade. Tornei-me minha melhor cobaia. Meses dedicados a investigar – por meio de uma introspecção minuciosa e da prática regular – o desabrochar da escrita.

Nessa época, eu já escrevia com muito prazer, mas queria averiguar os ganhos do treino constante. Foram tantos e tão diversos que não saberia enumerá-los. Em resumo, quintupleiquei minha rapidez em escrever – Edvaldo estava coberto de razão. O mais interessante, porém, foi descobrir o jorrar da riqueza incomensurável dos recursos da linguagem.

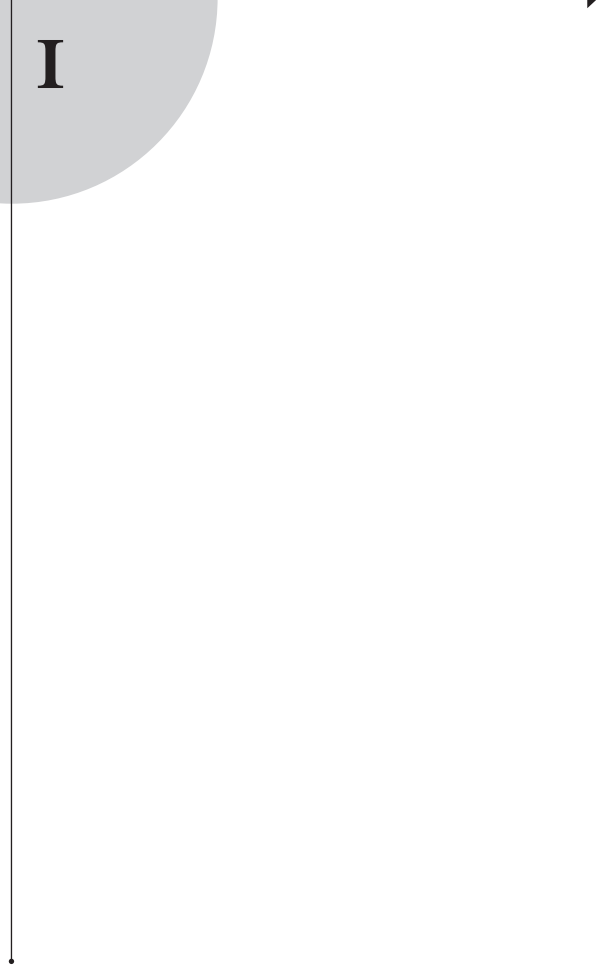
Iniciei com grupos abertos, sempre aos sábados. Um público variado: advogados, doutorandos, médicos e aposentados. Grupos, em sua maioria, absolutamente apavorados diante do papel em branco; professores de português que ensinavam as normas mas se inibiam ao escrever; vestibulandos, às vésperas da prova, prontos para o abate; mestrandos estressados

com a dissertação que pairava no plano das idéias. Sinto-me, até hoje, gratificada quando as pessoas soltam o verbo e descobrem extasiadas que podem falar em público e escrever.

Assim, a missão deste livro é demonstrar que, ao fortalecer a aptidão criativa, todo mundo é capaz de desenvolver a competência da escrita. Ao mesmo tempo, admitir que qualquer pessoa é um aprendiz constante na tarefa de escrever. No mínimo, avivar o desejo de se expressar. Convido o leitor a persistir no caminho da descoberta da expressão original, própria do processo criativo, para dar forma ao que sente, ao que sabe e ao que quer.



# Os caminhos da escrita





## **Hora de acabar com o pesadelo**

**D**URANTE OS WORKSHOPS, constato que, com raras exceções, os participantes partilham a mesma dificuldade: iniciar um texto. Escrever, para algumas pessoas, continua associado ao trauma das correções em vermelho, às insossas redações de “domingo no parque” ou “minhas férias” do período escolar. Sem falar nas aulas enfadonhas de português, nas listas intermináveis de pretéritos marcantes e nas vírgulas impertinentes.

As queixas costumam ser idênticas, variando entre: o sofrimento para encontrar a palavra certa, a falta ou o excesso de idéias, a organização truncada de argumentos, as dúvidas de ortografia e concordância, entre outras. A ênfase da escrita permanece nos aspectos formais de linguagem, quase nunca na criatividade.

Muitos professores de português, embora conheçam as regras gramaticais e os macetes de construção retórica, também vivenciam certo constran-